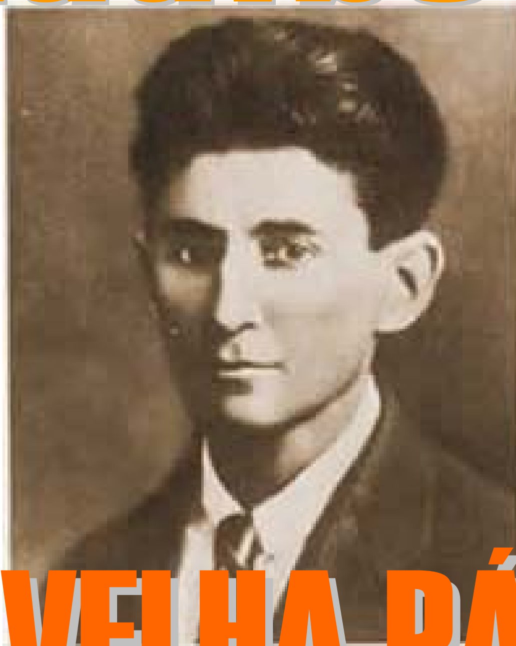
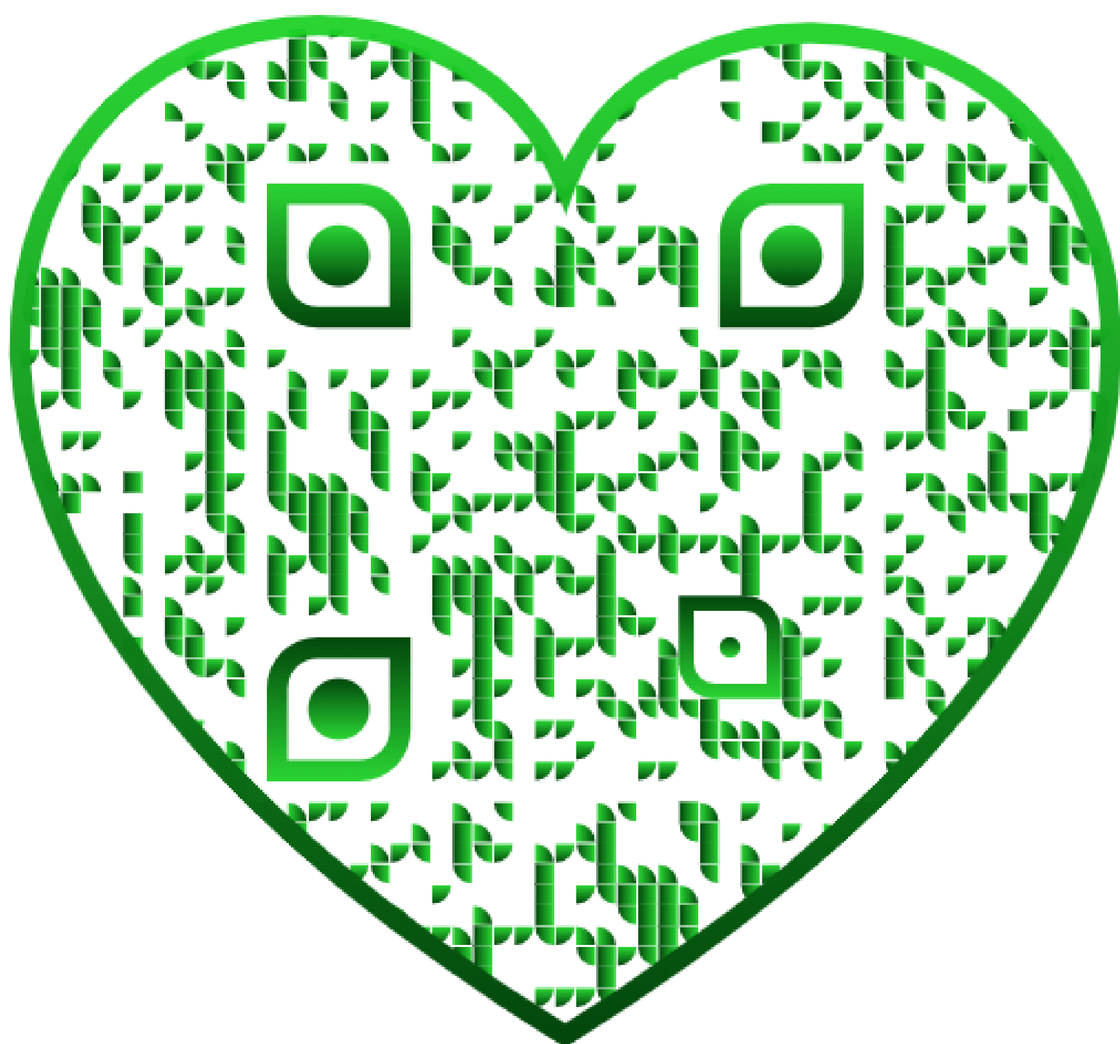
Biblioteca Virtualbooks



UMA VELHA PÁGINA

Franz Kafka

Tradução de SILVEIRA DE SOUZA





Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br/

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.



UMA VELHA PÁGINA

Franz Kafka

Desenhos de Kafka

Tradução de
SILVEIRA DE SOUZA



É como se houvesse demasiada negligência na defesa de nossa pátria. Até agora não nos importamos com tal assunto, pois urge tocar o nosso trabalho. Entretanto os acontecimentos dos últimos tempos nos têm deixado preocupados.

Tenho uma oficina de sapateiro na praça, fronteira ao palácio real. Mal abro de manhãzinha minha persianas e já vejo dali todas as entradas de ruas ocupadas por guardas armados. Mas não são soldados nossos, e sim, visivelmente, nômades vindos do norte. De um modo para mim incompreensível, estão apinhados até na capital, que fica no entanto bem distante da fronteira. Em todo caso, estão lá também; parece que aumentam de número a cada dia.

De acordo com sua natureza, acampam ao ar livre, pois detestam as casas. Ocupam-se com os fios das espadas, com as pontas das flechas, com exercícios eqüestres. Fizeram dessa praça tranqüila, sempre escrupulosamente limpa, um verdadeiro estábulo. De vez em quando saímos de nosso trabalho e, pelo menos, tentamos afastar para longe aquela imundícia, entretanto

isso vem acontecendo sempre mais raramente, pois o esforço é inútil e corremos, além disso, o perigo de ficarmos sob as patas dos cavalos selvagens ou sermos feridos pelos chicotes.

Não se pode falar com os nômades. Não conhecem o nosso idioma, mal têm eles um idioma próprio. Entendem-se entre eles como se fossem gralhas. Sempre se pode ouvir essa gritaria de gralhas. Nossos costumes, nossas instituições, são para eles, do mesmo modo, tanto incompreensíveis como indiferentes. Em conseqüência disso mostram-se também refratários a uma comunicação por sinais. Tu podes deslocar as articulações da mandíbula e das mãos à força de chamados e gestos, eles entretanto nada entenderão e nem farão qualquer esforço para te entender. Com freqüência fazem caretas; então aparece o branco dos olhos revirados e a boca se enche de espuma, mas com isso talvez nem desejem dizer o que quer que seja, nem assustar; fazem tal coisa por que assim é a sua natureza. Agarram tudo de que precisam. Não se pode dizer que usem da violência. Mas ante sua rapacidade, a gente se põe de lado e concede tudo a eles.

Também de meus estoques têm eles levado boas peças. Quanto a isso não posso entretanto me lamentar, tendo em vista, por exemplo, o que acontece no lado oposto com o açougueiro. Mal recebe ele sua mercadoria e já é ela inteiramente arrebatada e devorada pelos nômades. Os cavalos deles também comem carne; às vezes um cavaleiro aproxima-se de seu cavalo e ambos comem do mesmo pedaço de carne, cada qual por uma extremidade. O açougueiro vive assustado e não ousa suspender o fornecimento de seu produto. Compreendemos porém tal situação; reunimos algum dinheiro e o auxiliamos. Se os nômades ficarem sem carne, ninguém sabe o que eles poderiam fazer. Ninguém sabe de fato o que eles poderão fazer, mesmo quando obtêm carne todos os dias.

Por fim pensou o açougueiro que poderia pelo menos poupar-se o esforço de carnear e, certa manhã, trouxe um boi vivo. Mas não deverá repetir mais isso. Passei a bem dizer uma hora inteira nos fundos de minha oficina deitado sobre o chão, com todas as minhas roupas, cobertores e almofadas amontoados sobre o corpo, só para não ouvir os mugidos do boi, pois os nômades vieram correndo de todos o lados para arrancarem com os dentes pedaços de sua

carne quente. Foi preciso ainda muito tempo antes que eu pudesse levantar e sair; como bêbados ao redor de um barril de vinho, deitaram-se exaustos em volta dos restos do boi.

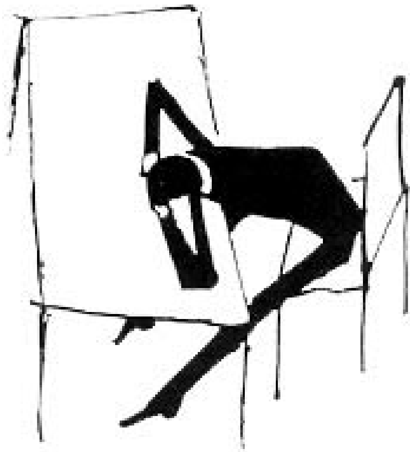
Então, sinceramente, acho eu que o próprio Imperador presenciou tudo de uma das janelas do palácio; nunca em outras ocasiões veio ele aos aposentos exteriores, vivia sempre no jardim mais interno. Desta vez, entretanto, assim pelo menos me pareceu, estava de pé junto a uma das janelas e olhava cabisbaixo para a confusão na frente de seu palácio.

"Como isso irá terminar?", perguntamos nós todos. "Quanto tempo suportaremos esta carga e sofrimento? O palácio imperial, com engodos, atraiu os nômades, mas não sabe entretanto de que modo expulsá-los. O portão permanece fechado; os guardas, que outrora sempre marchavam festivamente de um lado para outro, postaram-se atrás de janelas gradeadas. A salvação da pátria vai depender de nós, os artesãos e comerciantes, mas somos incompetentes para levar a cabo essa tarefa; e também nunca nos vangloriamos de poder realizá-la. Há um mal-entendido e por causa disso vamos à ruína."

* * * * * * * * * * * * * * * *

Texto original em alemão:

Ein altes Blatt
Franz Kafka



Es ist, als wäre viel vernachlässigt worden in der Verteidigung unseres Vaterlandes. Wir haben uns bisher nicht darum gekümmert und sind unserer Arbeit nachgegangen; die Ereignisse der letzten Zeit machen uns aber Sorgen.

Ich habe eine Schusterwerkstatt auf dem Platz vor dem kaiserlichen Palast. Kaum öffne ich in der Morgendämmerung meinen Laden, sehe ich schon die Eingänge aller hier einlaufenden Gassen von Bewaffneten besetzt. Es sind aber nicht unsere Soldaten, sondern offenbar Nomaden aus dem Norden. Auf eine mir unbegreifliche Weise sind sie bis in die Hauptstadt gedrungen, die doch sehr weit von der Grenze entfernt ist. Jedenfalls sind sie also da; es scheint, daß jeden Morgen mehr werden.

Ihrer Natur entsprechend lagern sie unter freiem Himmel, denn Wohnhäuser verabscheuen sie. Sie beschäftigen sich mit dem Schärfen der Schwerter, dem Zuspitzen der Pfeile, mit Übungen zu Pferde. Aus diesem stillen, immer ängstlich rein gehaltenen Platz haben sie

einen wahren Stall gemacht. Wir versuchen zwar manchmal aus unseren Geschäften hervor- zulaufen und wenigstens den ärgsten Unrat weg- zuschaffen, aber es geschieht immer seltener, denn die Anstrengung ist nutzlos und bringt uns überdies in die Gefahr, unter die wilden Pferde zu kommen oder von den Peitschen verletzt zu werden.

Sprechen kann man mit den Nomaden nicht. Unsere Sprache kennen sie nicht, ja sie haben kaum eine eigene. Unter einander verständigen sie sich ähnlich wie Dohlen. Immer wieder hört man diesen Schrei der Dohlen. Unsere Lebensweise, unsere Einrichtungen sind ihnen ebenso unbegreiflich wie gleichgültig. Infolgedessen zeigen sie sich auch gegen jede Zeichensprache ablehnend. Du magst dir die Kiefer verrenken und die Hände aus den Gelenken winden, sie haben dich doch nicht verstanden und werden dich nie verstehen. Oft machen sie Grimassen; dann dreht sich das Weiß ihrer Augen und Schaum schwillt aus ihrem Munde, doch wollen sie damit weder etwas sagen noch auch erschrecken; sie tun es, weil es so ihre Art ist. Was sie brauchen, nehmen sie. Man kann nicht sagen, daß sie Gewalt anwenden. Vor ihrem Zugriff tritt man beiseite und überläßt ihnen alles.

Auch von meinen Vorräten haben sie manches gute Stück genommen. Ich kann aber darüber nicht klagen, wenn ich zum Beispiel zusehe, wie es dem Fleischer gegenüber geht. Kaum bringt er seine Waren ein, ist ihm schon alles entrissen und wird von den Nomaden verschlungen. Auch ihre Pferde fressen Fleisch; oft liegt ein Reiter neben seinem Pferd und beide nähren sich vom gleichen Fleischstück, jeder an einem Ende. Der Fleischhauer ist ängstlich und wagt es nicht, mit den Fleischlieferungen aufzuhören. Wir verstehen das aber, schießen Geld zusammen und unterstützen ihn. Bekämen die Nomaden kein Fleisch, wer weiß, was ihnen zu tun einfiele; wer weiß allerdings, was ihnen einfallen wird, selbst wenn sie täglich Fleisch bekommen.

Letzthin dachte der Fleischer, er könne sich wenigstens die Mühe des Schlachtens sparen, und brachte am Morgen einen lebendigen Ochsen. Das darf er nicht mehr wiederholen. Ich lag wohl eine Stunde ganz hinten in meiner Werkstatt platt auf dem Boden und alle meine Kleider, Decken und Polster hatte ich über mir aufgehäuft,

nur um das Gebrüll des Ochsen nicht zu hören, den von allen Seiten die Nomaden ansprangen, um mit den Zähnen Stücke aus seinem warmen Fleisch zu reißen. Schon lange war es still, ehe ich mich auszugehen getraute; wie Trinker um ein Weinfaß lagen sie müde um die Reste des Ochsen.

Gerade damals glaubte ich den Kaiser selbst in einem Fenster des Palastes gesehen zu haben; niemals sonst kommt er in diese äußeren Gemächer, immer nur lebt er in dem innersten Garten; diesmal aber stand er, so schien es mir wenigstens, an einem der Fenster und blickte mit gesenktem Kopf auf das Treiben vor seinem Schloß.

"Wie wird es werden?" fragen wir uns alle. "Wie lange werden wir diese Last und Qual ertragen? Der kaiserliche Palast hat die Nomaden angelockt, versteht es aber nicht, sie wieder zu vertreiben. Das Tor bleibt verschlossen; die Wache, früher immer festlich ein- und ausmarschierend, hält sich hinter vergitterten Fenstern. Uns Handwerkern und Geschäftsleuten ist die Rettung des Vaterlandes anvertraut; wir sind aber einer solchen Aufgabe nicht gewachsen; haben uns doch auch nie gerühmt, dessen fähig zu sein. Ein Mißverständnis ist es, und wir gehen daran zugrunde. "

* * * * * * * * * * * * * * * *

Sobre o autor



Franz Kafka

Nasceu em Praga a 3 de julho de 1883, cidade que durante todos os 35 anos da vida do escritor pertenceu à monarquia austro-húngara. Filho de um abastado comerciante judeu, Kafka cresceu sob as influências de três culturas: a judia, a tcheca e a alemã.

Filho de uma típica família judeu classe média, da qual escolheu como ícone seu pai, um comerciante autoritário, cuja figura patriarcal ficou associada, na cabeça do escritor, até o final de sua vida, a de um gigante, ao mesmo tempo fascinante e desprezível. *Carta ao Pai*, escrito em 1919, é um longo desabafo em que Kafka responsabiliza o pai (que é claro, nunca recebeu a tal carta) por sua incapacidade de viver, casar e amar como os outros. Escolherá a literatura para tentar exorcizar esse fantasma.

Em 1914 o escritor tcheco Franz Kafka, em seu livro, "O Processo", narrou a história de um bancário, Joseph K., que, ao acordar, é preso por policiais sem motivos declarados. O personagem parte para uma busca, durante toda obra, a fim de descobrir o motivo pelo qual estava sendo levado a julgamento.

Em vida, lançou *A Metamorfose* (1915), *Carta a meu Pai* e *Na Colônia Penal*, ambos de 1919, mas sem muita repercussão. Depois de morto, seu amigo Max Brod patrocinou as edições de *O Processo* (1925) e *O Castelo* (1926), seus principais romances, bem como o restante da obra kafkiana.



Sobre o tradutor



João Paulo **SILVEIRA DE SOUZA** nasceu em Florianópolis, SC, em 1933. Começou cedo suas atividades culturais em SC. Na década de 50 passou a integrar o Círculo de Arte Moderna, mais conhecido como Grupo Sul, movimento que trouxe o Modernismo para Santa Catarina. Também nessa década participou de atividades teatrais, integrando como diretor do grupo teatral TESC (Teatro Experimental de SC); e dirigiu o mensário de literatura e arte *Roteiro.*

De 60 a 70, foi professor de matemática no Instituto Estadual de Educação e Escola Técnica Federal de SC, em Florianópolis. Dirigiu de 71 a 76, a Divisão de Informação e Divulgação do Departamento de Extensão Cultural da UFSC. Em 79, passou a trabalhar no setor de editoração da Fundação Catarinense de Cultura, onde coordenou as Edições FCC e dirigiu as publicações: Boi-de-Mamão (79 a 81); Cadernos da Cultura Catarinense (84-85) e Escritores Catarinenses, série de fascículos (90-91). Atualmente aposentado do serviço público, dedica-se a trabalhos de editoração eletrônica e projetos gráficos de livros. É membro da Academia Catarinense de Letras.

LIVROS PUBLICADOS

- O VIGIA E A CIDADE (contos), Florianópolis, SC, 1960;
- UMA VOZ NA PRAÇA (contos), Florianópolis, 1962;
- QUATRO ALAMEDAS, Porto Alegre, RS, 1976;
- OS PEQUENOS DESENCONTROS (crônicas), Florianópolis, 1977;
- O CAVALO EM CHAMAS (contos), São Paulo, SP, 1981;
- CANÁRIO DE ASSOBIO (crônicas), Florianópolis, 1985;
- HYBRIS (poesia e prosa), Florianópolis, 1989;

- UM ÔNIBUS E QUATRO DESTINOS (romance, em parceria com Francisco José Pereira e Holdemar Menezes), Porto Alegre, 1994;
- RUMOR DE FOLHAS (poemas), Florianópolis, 1966;
- RELATOS ESCOLHIDOS (contos), Florianópolis, 1998;
- TROLOLÓ PARA FLAUTA E CAVAQUINHO (crônicas), em parceria com Flávio José Cardozo, Florianópolis, 1999.

